

RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER NO ÂMBITO PRIVADO DOS/AS ALUNOS/AS DA EFA (ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE ITAQUIRAÍ) UM ESTUDO DE CASO

Ana Paula Alves Da Silva ¹

Alzira Salete Menegat ²

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender sociologicamente a categoria juventude rural, observando se nela estão contidas relações de gênero e de poder, e em que sentido as mesmas interferem na permanência ou não, da juventude nos assentamentos. Para isso entrevistamos um total de seis alunos/as da Escola Agrícola de Itaquiraí–EFA, parte que estão cursando e outra que já se formaram, objetivando compreender, através de procedimentos teórico-metodológicos, os mecanismos que norteiam as decisões dos/as jovens em ficar ou sair das terras. Assim, o interesse por este recorte a fim de compreendermos como são as relações dos/as jovens com sua família, se estes/estas participam das decisões do lote, no que diz respeito a que irão produzir e comercializar, o que a família representa para eles/as, e como a família e a comunidade percebe a atuação dos/das jovens. Para tanto utilizamos entrevistas gravadas, conversas informais em rodas de “tereré” com os/as jovens no espaço da Escola, estivemos presente em festas das comunidades com os/as jovens, momentos que propiciaram observar a relação dos/as jovens com suas famílias e com a comunidade. A EFA, Escola em que estão os/as jovens de nossa pesquisa, é uma escola de ensino médio e técnico, que utiliza a Metodologia da Alternância, na qual parte do mês, por quinze dias, os/as alunos/as permanecem em internato, no espaço da Escola, e os outros 15 dias retornam aos lotes, junto às suas famílias, aplicando os saberes técnicos aprendidos através de aulas teóricas e práticas. *A priori*, ao compreendermos os mecanismos que norteiam as decisões dos/as jovens entre ficar e sair dos assentamentos, a primeira conclusão que chegamos, dialogando com eles/as no espaço da Escola, é que as relações de gênero e poder, que são estendidas no espaço privado, têm forte influência em suas decisões, ou seja, no momento em que o/a jovem necessita tomar uma decisão que afetara seu presente e conseqüentemente seu futuro, esta é tomada dentro do espaço privado na figura do pai ou da família, sendo a mesma decisiva. Nem sempre a decisão contém aspectos priorizados pelo/a jovem, mas são construídos pelos desejos das famílias.

PALAVRAS CHAVE: Relações de Gênero e Poder, Juventude Rural, Patriarcado.

¹ Acadêmica do 8º semestre do curso de Ciências Sociais/ Bacharelado, da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. Endereço eletrônico: anna_ufgd@yahoo.com.br

² Professora e Pesquisadora da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), com pesquisas fomentadas pelo CNPQ e pela FUNDECT, orientadora da presente pesquisa. Endereço eletrônico: AlziraMenegat@ufgd.edu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva compreender sociologicamente a categoria juventude rural e dar continuidade as reflexões que iniciamos no ano de 2008, momento no qual desenvolvemos estudos enquanto bolsista de Iniciação Científica PIVIC- UFGD, com o tema: “Jovens do campo: novos atores sociais, e seus dilemas e perspectivas”. Naquele estudo, importante para nossa formação, porque ao longo de um ano realizamos diversas atividades para o entendimento da categoria juventude rural, quando desenvolvemos revisão bibliográfica e análises de campo. Foi nossa primeira experiência com o campo de pesquisa, quando realizamos entrevistas com alunos/as da EFA - Escola Família Agrícola, situada no Assentamento Lua Branca, no município de Itaquiraí. O principal objetivo com aquela pesquisa foi compreender quais eram os mecanismos que levavam o/a jovem a tomar a decisão de ficar ou sair da terra em que viviam com a família, especialmente considerando que a terra para nossos/as entrevistados/as foi conquistada numa trajetória de luta, ocupando terras e vivendo em acampamentos e que por isso tem sentido de esperança em uma vida melhor. Naquele estudo podemos verificar que a categoria juventude rural, como assinala Castro (2006), é uma categoria em construção e que pode ser definida num construto identitário:

Neste sentido, ‘juventude’ é, além de uma categoria que representa identidades sociais, uma forma de classificação social que pode ter múltiplos significados, mas que vem se desenhando em diferentes contextos como uma categoria marcada por relações de hierarquia social. (CASTRO, 2006, p. 116).

A pesquisa acima suscitou em nós o desejo em continuar nessas investigações e por isso construímos outro projeto de iniciação científica, apresentado para ser desenvolvido no ano de 2009, numa continuidade nas reflexões acerca da categoria juventude rural, desta feita com o projeto: “Saberes técnicos na vida de jovens do campo: um olhar sobre os resultados produzidos pela Escola Família Agrícola de Itaquiraí nos/as jovens assentados/as em Itaquiraí- M-S”. O que estamos pretendendo compreender nessa nova etapa de iniciação científica, que será encerrada em agosto de 2010, é de dar continuidade ao projeto anterior, agora observando em que sentido a Escola EFA, do município de Itaquiraí, vem contribuindo para que os/as jovens permaneçam no campo, e especialmente, se as aprendizagens obtidas ao longo do curso estão servindo para transformar a maneira de produzirem nos assentamentos.

Os dois projetos acima citados serviram, ainda, para subsidiar nosso Trabalho de Conclusão de Curso, que ora apresentamos, o qual representa um diálogo que está sendo possível a partir das duas etapas de iniciação científica, as quais se inserem num projeto maior, coordenado pela professora orientadora de todas as etapas da iniciação científica e também do TCC, a Prof. Dr. Alzira Salete Menegat, com o tema: “Sociedades e Culturas Nas Fronteiras de Mato Grosso do Sul”, fomentado pela FUNDECT.

Nosso trabalho de TCC se insere, ainda, nos trabalhos da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária da UFGD, sob a coordenação da professora Marisa de Fátima Lomba de Farias, lugar no qual desenvolvemos nosso estágio acadêmico. Foram diversas as viagens que realizamos ao campo de pesquisa a partir de atividades organizadas pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas da UFGD, e que nos tem permitido compreender a organização de famílias assentadas na busca de melhores condições de produção e comercialização, as quais contam, indiretamente, com a atuação da juventude.

Com o TCC, que representa uma terceira abordagem sobre a juventude da EFA, buscamos compreender as relações de gênero e poder presentes no viver da juventude de assentamentos rurais do município de Itaquiraí, e de como a existência de tais relações pode determinar condutas e escolhas diversas, de ficarem ou saírem dos assentamentos de reforma agrária. Para o presente trabalho de TCC, dialogamos com um total de seis jovens alunos/as e ex-alunos/as da EFA, que residem próximos/as a escola. Dentre os seis alunos/as que entrevistamos, quatro deles/as cursam o terceiro ano, sendo eles: J. G., de 17 anos; J. L., de 17 anos; R. H. P. A., de 21 anos e R. P. G., de 20 anos, todos/as do Assentamento Lua Branca. Foram entrevistados, ainda, D. B. A. de 18 anos, do Assentamento Santa Rosa e I. M., de 18 anos, do Assentamento Santo Antonio de Itaquiraí, esses já concluíram o curso no final de 2009, tendo feito parte da primeira pesquisa que desenvolvemos no espaço da Escola. Optamos por manter a identidade dos/as jovens, citando apenas as iniciais de seus nomes.

No TCC procuramos compreender as relações de poder sob a ótica dos/das jovens, dando voz a eles/elas e estendendo o dialogo com familiares, em visitas aos lotes de alguns deles/as, como no caso do jovem D. B. A., do Assentamento Santa Rosa, momento em que pudemos dialogar com a mãe, bem como da jovem J. G. Pretendíamos visitar todos os lotes para conversas com familiares, mas isso não foi possível por conta do período de pesquisa, curto, se considerada a distância que nos separa do campo da pesquisa e a sede de Dourados, onde residimos. Assim, estivemos por quatro vezes nos locais de pesquisa, duas vezes no ano de 2009, realizando pesquisa em conjunto com o estágio que realizávamos na Incubadora Tecnológica de Cooperativas da UFGD, e outras duas vezes no ano de 2010.

No levantamento de dados utilizamos entrevistas gravadas, conversas informais com os/as jovens que estão estudando no espaço da Escola, incluindo, por vezes, até mesmo alguns que não faziam parte dos seis alunos/as dos quais fizemos o recorte, procedimento utilizado porque acreditamos que ao estender o diálogo e dar voz a outros/outras jovens seria possível assegurar melhor compreensão da realidade daqueles que estudamos.

Definimos um número de seis alunos/as para a pesquisa, distribuídos entre meninas e meninos e de diferentes faixas etárias 17 anos, 18 anos, 20 e 21 anos, para com isso termos condições de acompanharmos o dia a dia dos/as jovens, seja na escola e/ou nos lotes especialmente porque a EFA que estudamos está localizada a 180 quilômetros de Dourados, município que residimos, dificultando, como dizemos o acesso ao campo de pesquisa. Daí destacarmos a riqueza em desenvolver trabalhos integrados a outros projetos, como aqueles coordenados pelas professoras acima citadas, enriquecendo nossos conhecimentos quanto aos procedimentos de pesquisa e extensão, bem como, facilitando acessos diversos. Aliado a isso, o tempo para a realização de levantamentos de dados e construção do artigo, é um tempo curto, seis meses, o que requer um recorte restrito em relação ao campo de pesquisa para que assim pudéssemos realizar um trabalho com qualidade.

Seguindo essa preocupação, para o levantamento dos dados, estivemos presentes em rodas de conversas com os/as jovens, participamos de suas tarefas no que tange ao aprendizado na Escola, nas festas da comunidade nas quais participaram jovens que já concluíram os estudos.

A EFA, escola na qual estudam os/as jovens que dialogamos em nossa pesquisa, é uma Escola que utiliza a Metodologia da Alternância, e nela os/as alunos/as permanecem por quinze dias em internato, estudando em tempo integral; nos demais dias do mês, outros 15, se deslocam para suas casas, para aplicarem nas terras o que aprenderam na Escola.

Durante o tempo de nossa pesquisa, foi-nos possível compreender que a influência da família nas decisões dos jovens é forte, e que demonstram relações de gênero e poder, determinantes para a postura que tomam nos Assentamentos de Reforma Agrária. Por meio das conversas informais, das entrevistas que gravamos com os/as jovens no espaço da EFA, nos foi possível compreender os mecanismos que norteiam a decisão dos/as jovens, que se apresenta no dilema que é apontado por Castro (2006) “ficar ou sair”¹.

¹ É primordial ressaltar que sou ex-jovem assentada, procedente de um Assentamento de Reforma Agrária, Santa Clara, no município de Bataguassu M-S, onde vivi durante três anos junto à minha família, vivenciei dilemas e perspectivas de uma vida futura como uma jovem rural. Senti as dificuldades para estudar, visto que no Assentamento onde residia não havia Escola para o ensino médio, e por isso percorria mais de 100 km para chegar à cidade mais próxima a fim de estudar, passando por Assentamentos vizinhos e fazendas, vivendo a

Segundo Castro, a juventude representa identidades sociais, com múltiplos significados, dentre elas o fato de termos nos assentamentos de reforma agrária um/a novo/a jovem, que se apresenta longe do isolamento, com acesso aos mais variados meios de comunicação no campo, representados não apenas na televisão, mas na internet. Esse fato propicia a/o jovem debater com o mundo globalizado que está a sua volta, movimentando-o, ou não, a lutar por direitos, seus e de toda uma comunidade, num coletivo fomentado pelos movimentos sociais que proporcionam um espaço de partilha sobre os mais variados temas que interessam a juventude.

1. O Dilema entre “ficar” ou “sair”: quais os mecanismos que norteiam as decisões dos/as jovens da EFA?

Após anos de luta pela terra, vivenciando múltiplas situações debaixo da lona junto aos familiares, as crianças que assim chegaram aos acampamentos, com o passar dos tempos, se desenvolveram e se tornaram adolescentes, jovens, como afirma Yamin:

Ter participado da experiência do acampamento foi importante para os jovens. Foi a base da renovação da vida de suas famílias. Suas vozes desvendaram *os sentidos da terra* oriundos das ações vivenciadas naquele momento, que não são os mesmos dos experimentados no momento do acontecimento. Foram reconstruídos com a ajuda de novas mediações, de novas situações de vida e de suas próprias ações sobre o mundo, considerando-se os fracassos e as vitórias obtidas (YAMIN, 2008, p.221).

A identidade dos/as jovens estudados, em relação a categoria sem-terra é construída desde a tenra idade, quando ainda crianças interagem não apenas com os seus familiares, mas com os/as atores/atrizes sociais que se apresentam na sua rotina, tornaram-se eles/as próprios/as, ainda crianças, novos/novas atores/atrizes da reforma agrária. São relações que foram sendo constituídas numa identidade com a terra, e por isso vivenciaram dilemas entre ficar e sair dos lotes. Hoje, além de enfrentarem uma nova vida que é a reconstrução nos seus lotes, muitos/as desejam formar sua própria família, cursar uma faculdade em uma Universidade Pública e de qualidade, buscar possibilidades de emprego, lazer e diversão, fato que gera conflitos internos, já que os assentamentos são espaços que não possibilitam a concretização de todos esses projetos.

incerteza e o medo constante, pois a rodovia por onde diariamente trafegava, a BR 263, o fluxo de carros é elevado, tornado os acidentes constantes. Assim, vivenciei o novo, a (re) construção de um novo lugar para viver e dele produzir, foi uma experiência gratificante o período de três anos que estive inserida na categoria juventude rural.

Nos espaços dos Assentamentos não está presente o propiciar de tudo o que a juventude deseja. Aliado a isso, há, ainda, um transitar deles/as no espaço urbano, do qual resulta uma inegável atração, que este exerce sobre a juventude rural, que se sente atraída para uma vida melhor, por vezes ilusória. Parte dos/as jovens vislumbra no espaço urbano o lugar de melhores condições, incentivados/as por vezes, por suas famílias. Esse incentivo contém todo um conjunto constituído na luta pela terra e também por desencantamentos com a terras recebidas, nem sempre favoráveis para que as famílias potencializem projetos idealizados.

No campo não há muito espaço de trabalho remunerado e especialmente, lazer, diversão, fatores que associados ao tamanho dos lotes e a qualidade das terras, faz com que os/as jovens busquem o urbano para se divertir durante os finais de semana e, conseqüentemente, a busca por outro espaço de trabalho. Isso ocorre também por conta da falta de políticas públicas adequadas para a juventude.

Este foi um dilema que vivenciei quando era uma jovem assentada, que no momento em que meu pai faleceu e ainda residíamos no Assentamento, senti a necessidade de estudar, cursar uma faculdade. Como lá isso não era possível, no ano de 2005, me vi entre o dilema que Castro aponta: “ficar e sair”, e optei por deixar o campo a fim de estudar. Em 2006, quando ingressei no curso de Ciências Sociais/ Bacharelado da UFGD, fazendo parte da I Turma, me senti muito feliz. Ao ser apresentada para o ramo da Ciência que procura compreender a sociedade e os fenômenos nela existentes, a Sociologia, eis que surgiu meu interesse pela juventude rural. Visto que havia vivenciado o dilema entre ficar ou sair dos assentamentos, e no curso seria possível me dedicar a uma linha de pesquisa, escolhi, de imediato, a Sociologia Rural, que procura compreender os conflitos existentes no campo, entre eles, aqueles inerentes aos/as atores/atrizes sociais do campo, homens, mulheres, jovens e crianças.

Com o passar do tempo e das leituras de estudiosos/as nesta área me foi possível observar que cada jovem deve ser compreendido em todo seu contexto, e a realidade de cada assentamento também é única, mesmo que se apresente sob uma lógica homogenia. Assim, tivemos a preocupação em estudar a juventude da EFA partindo dos elementos inerentes a aqueles/as jovens e não com base em nossa experiência enquanto ex-jovem assentada. Esta nossa experiência serviu para suporte de algumas situações, mas não como referencial de análise, já que os/as jovens que estudamos estão localizados/as em outra região de Mato Grosso do Sul e são portadores de diferentes trajetórias. Por isso, os elementos que observamos enquanto fatores determinantes para a saída ou não dos/as jovens dos espaços de assentamentos, foram às relações de gênero e poder existentes no âmbito privado.

Nas análises dos dados pesquisados seguimos as orientações indicadas por Brumer (2009), quando alerta os/as pesquisadores/as no que tange a compreensão acerca da juventude rural, no sentido de entender o ficar e o sair, que sejam consideradas abordagens de gênero: “Nesses estudos, é necessária uma abordagem de gênero, que dê conta das condições de inserção e dos interesses e motivações de rapazes e moças”. Assim, é preciso e urgente que nós pesquisadores/pesquisadoras demos voz aos jovens, permitindo que eles/as digam o que pensam, o que desejam no presente e para o futuro. Desta forma, poderemos canalizar nossos conhecimentos a fim de contribuir para que os/as jovens possam fazer as suas escolhas.

As pesquisas, por sua vez, trazem novas perguntas, novas indagações a respeito da categoria que foi escolhida pelo pesquisador/a. Neste sentido, a importância nas considerações de Brumer (2009), com “abordagem de gênero”, a qual não se limita às relações que são estendidas entre homens e mulheres, ou que foca apenas as mulheres, mas sim compreendê-las nas relações através dos gêneros: gays, lésbicas, heterossexual, bissexual, transexual, transgênero, homem e mulheres. Daí a necessidade de definirmos o que entendemos por gênero, categoria que permeia nossas análises com os/as jovens da reforma agrária, no entendimento de seus dilemas. Para isso, utilizamos a definição de Saffioti (2004), quando assim a define: “*Gênero* também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual. (...) o gênero é a construção social do masculino e do feminino”.

Segundo a autora, a identidade de gênero está relacionada intimamente com as relações que são estendidas com o passar do tempo de vida do indivíduo, ao longo de sua trajetória, construída historicamente e socialmente. Tais relações nem sempre são harmônicas, sendo muitas delas permeadas por relações de poderes, desiguais no que diz respeito a pertencimentos sociais, seja entre homens e mulheres, seja entre pais, mães e filhos e filhas. Dessa forma, são criadas hierarquias de poder e mando que no nosso estudo foram bem evidenciadas pelos/as jovens que entrevistamos. Assim, entendemos poder na concepção de Foucault (1979):

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 1979, pg.183)

Ao entrevistarmos os/as jovens tivemos a preocupação de considerar as relações de gênero e poder como parte da estrutura da sociedade, presentes a muitos séculos e em todos os meandros sociais, e por isso muitas vezes não são percebidas, ficando, portanto, inquestionadas. Estão presentes nas grandes instituições que tem grande poder sob o/a indivíduo, que com suas regras pré-estabelecidas procura mantê-lo aprisionado/a, como a Família, Escola, Igreja e o Estado. Somos iguais no campo do Direito, mas é preciso respeitar e compreender as diferenças existentes, questionar o biológico, romper as relações de hierarquia, pensar pedagogias, negar os pré-conceitos, criticar os padrões que são impostos a homens, mulheres, crianças e jovens. Desta forma os estudos feministas ou os estudos de gênero poderão ampliar os espaços para reflexões, novas fontes de pesquisa, linguagem científica, paulatinamente uma perspectiva política que poderá propiciar o respeito às diferenças e que cada indivíduo, conforme cita Adelman (2002):

Há varias décadas a teoria feminista entrou no cenário da análise social contemporânea, contribuindo para a criação de um novo campo de estudo (*o estudo das relações de gênero*) e mostrando que todo fenômeno social tem uma *dimensão de gênero* que exige ser indagada. (ADELMAN, 2002, pg.49)

Assim, os estudos e compreensões acerca da juventude rural se inserem nesse olhar para temáticas pouco consideradas no contexto da acadêmica e do social, e vêm, com o passar do tempo, propiciando o debate no que tange a problemática da saída dos/as jovens do campo, mas ainda há um longo caminho a percorrer, pois nas Universidades as pesquisas tanto de graduação e programas de pós-graduação, quanto à categoria juventude, estão em níveis pequenos. Neste sentido, Sposito (2007) ressalta a importância de se estender as pesquisas no âmbito da juventude, seja ela rural ou urbana:

Em relação à Universidade, a pesquisa sobre juventude também é uma área emergente em fase de consolidação. Não só os estudos sobre juventude rural são ainda escassos. São também escassos os estudos de juventude urbana. Quando realizamos o levantamento da produção acadêmica de 1980 a 1998- 18 anos de vida acadêmica na Pós- graduação por meio da análise das dissertações e teses na área da Educação-, percebemos que do total apenas 4% tratavam dos jovens. Os mesmos índices se repetiram nas Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia). Ocorria, assim, uma invisibilidade acadêmica, não só do ponto de vista dos estudos da juventude rural, mas também dos estudos da juventude como um todo. Estamos constituindo um campo emergente, frágil, uma plantinha que está nascendo, mas que já não está no patamar dos anos 1990, quando eram raros os trabalhos. (SPOSITO, 2007, p.124)

No que tange a juventude rural, por vezes, a saída do campo está intimamente ligado ao atrativo que o espaço urbano em relação à diversão, lazer e fatores econômicos oferece. É preciso que o campo possa lhes oferecer os subsídios necessários para que façam suas

escolhas, ficar ou sair. Isto será possível no momento em que a categoria juventude rural venha a ter visibilidade nos diversos espaços sociais, dentre eles nas Universidades, no que tange as pesquisas, discutindo-se sobre os seus múltiplos significados que envolvem a juventude, anseios, desejos e perspectivas de vida, etc., compreendendo-a na sua totalidade. Como afirma Stropasolas:

Para isso, é importante se retomar a crítica na universidade sem perder o rigor científico, como também resgatar a capacidade de se fazer o contraponto ideológico no debate sobre os temas que envolvem os jovens rurais brasileiros. Nesse sentido, a universidade, em sintonia com os movimentos sociais e as instituições governamentais, precisa aliar forças para o processo de superação das dicotomias, hierarquias e estigmatizações que impendem a inserção dos jovens rurais na sociedade. (STROPASOLAS, 2007, pg. 293)

É neste sentido que acreditamos ser primordial a reflexão acerca da juventude rural, pois o entrelaçar de novos conhecimentos podem paulatinamente contribuir para novas pesquisas e abordagens.

2. Relações de poder entre pais, mães e filhos e filhas: análises sobre a força do Patriarcado

Quando se debate sobre a saída do/a jovem do campo e se procura compreender os mecanismos que norteiam a decisão entre ficar e sair de sua terra, uma das causas para a saída é o atrativo que o espaço urbano lhes oferece, aliada aos fatores econômicos. A juventude da EFA, por sua vez, no tempo que estivemos compreendendo os seus anseios e desejos, dialogando com estes no espaço da Escola, nos foi possível concluir que a influência da família é forte, que as relações que são estendidas no âmbito privado são determinantes para a postura que os/as jovens tomam nos Assentamentos de Reforma Agrária, e nas suas decisões quanto a uma vida futura. Isso confirma o que nos dizia Wanderley (2007, p.24) “A vida cotidiana dos jovens é fortemente marcada pelas suas relações com a família e com a comunidade local. (...) sob a direção do pai”.

Em entrevistas quando perguntamos sobre a Escola e a decisão de ir para ela, parte deles/as nos respondeu que a decisão partiu primeiramente da família, a princípio não sendo bem aceita por eles/as, mas com o passar do tempo e da convivência com os/as demais colegas, funcionários/as, professores/as se adaptaram ao meio que lhes foi imposto, os estudos na Escola. Hoje, pretendem, assim que concluírem o curso técnico, conseguirem trabalhar em empresas que lhes propicie um bom retorno financeiro.

Quando a aplicar nos lotes os conhecimentos que adquiriram na Escola, os/as jovens relatam que as famílias, por vezes, não propiciam espaços, e mantém certo grau de desconfiança em relação a capacidade deles/as em promoverem novos processos produtivos, o que os faz se sentirem vigiados/as e/ou tutelados/as.

Notamos que o controle que pais e mães exercem sobre os/as jovens, especialmente os pais, decorre de resíduos do patriarcado, ainda presentes em nosso contexto social, mediando relações sociais. Estamos falando de um patriarcado moderno que se apresenta sob novas e velhas roupagens e que têm um impacto profundo na vida futura e presente dos/as jovens. A família desempenha um papel de alteridade para com os/as jovens e estes/as, por sua vez, desejam que ampliem os espaços e os/as deixem mostrar seus desempenhos.

No campo de nossa pesquisa ocorre o que afirma Saffioti (2004, p.60): “Logo, não se vivem sobrevivências de um patriarcado remoto; ao contrário, o patriarcado é muito jovem e pujante, tendo sucedido às sociedade igualitárias”.

Nos assentamentos a maioria dos/as jovens aceita as decisões tomadas pelos pais e mães, sem se darem conta que estas podem refletir sobre suas posições na sociedade, podendo vir a ser definidoras de suas próprias escolhas. Tendo em vista que a família é uma das Instituições que têm um forte poder sobre os/as jovens estes se vêem coagidos/as. Suas decisões e anseios ficam, por vezes, em segundo plano, pois a decisão especialmente do pai no espaço privado, é decisória, como afirma Farias:

O patriarcado constitui-se em um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres, com uma organização cultural e histórica baseada na solidariedade masculina, o que lhe concede força, poder e alimenta sua existência, alicerçado no controle das vontades, dos interesses e no medo que perpassa gerações e gerações, por séculos e séculos. Tal forma de relação de gênero é considerada a mais extensa e a mais antiga relação de dominação humana, possuindo enorme capacidade de variação e de adaptação aos diversos modos de vida social, tendo em vista que esse sistema de dominação/controla aprimora-se diante das transformações nas relações sociais e de gênero, mostrando uma vitalidade que contribui para sua própria legitimidade e naturalização. (FARIAS, 2002, p. 295)

Farias demonstra que o regime do Patriarcado é uma forma de dominação de homens sobre mulheres, e a cada dia ele cria novas raízes, contribuindo para a sua legitimidade e naturalização por parte da sociedade, que acredita ser natural aceitar as decisões que são tomadas, sem refletir sobre elas. Esta dominação é possível a partir da validação de grandes Instituições, como o Estado, Igreja, Escola e Família, que são alicerces da estrutura social, canais por onde desde muito cedo são repassados aos indivíduos a forma como devem agir e quais os padrões que devem seguir para que a ordem se efetive. Nem sempre a ordem

significa liberdade para todas as pessoas, mas por vezes, sua subjugação, como no caso das relações patriarcais ainda vigentes na sociedade, nas quais os homens afirmam sua autoridade social e masculina, subjugando às mulheres, muitas vezes, suas companheiras.

Ao conversarmos com os/as jovens informalmente e nas entrevistas gravadas, nos veio à mente o diálogo que antes nos foi possível fazer com as teorias, lembramos de experiências de vida de mulheres que sofreram violências seja física, emocional, e verbal no âmbito privado de sua família e as fortes influências que as relações de gênero e poder ainda exercem. Neste contexto, a leitura que fizemos da experiência de Ruby Beleno Suarez², quando de seu nascimento e seu pai esperava a vinda de um filho, homem. A expectativa quanto ao que sua filha Ruby seria em sua vida adulta dobrava, exigindo que ela se enquadrasse aos moldes patriarcais, dentre eles, casar-se virgem, vestida de noiva e na Igreja Católica. Visto ser a primogênita, deveria assumir os moldes de um homem, com 13 anos de idade ela sofre a sua primeira violência física. Seu pai a agrediu e ela sem entender o porquê estava sendo violentada fisicamente, levou por muito tempo a agressão, que lhe feriu tanto no seu corpo, que ficou marcado por vários hematomas quanto às dores na alma. Ao se casar seu companheiro, após o nascimento de sua primeira filha, foi agredida fisicamente, novamente. Após algum tempo, se separou, voltando a casar-se novamente, acreditando ter encontrado o homem perfeito, mas desta feita ela viveu o seu maior inferno, no que diz respeito às agressões. Durante muito tempo, mesmo ocupando um cargo de destaque na sociedade, Juíza da Republica, ela sofreu agressões na alma. Constantemente era violentada verbalmente por seu companheiro, com quem teve três filhas. Em certo momento de sua vida ela decidiu e acreditou ser possível reverter à situação. Em sua obra ela relata que sempre é tempo de se levantar e de se reconstruir e para isso, é necessário desconstruir situações de opressão. E foi assim que ela fez, deixou o seu companheiro e foi ouvir e ajudar mulheres que também sofriam agressões. Hoje ela é uma estudiosa a respeito dos Estudos de Gênero, contribuindo não somente com sua experiência de vida, mas os seus conhecimentos teóricos.

Neste contexto do regime do patriarcado queremos fazer um recorte para a compreensão da categoria juventude rural, Ruby não teve direito as muitas escolhas em sua vida, no principio, quando estava com os seus pais, vivia sob um regime que exigia dela se adaptar aos moldes estabelecidos pela sociedade.

² Leitura realizada na disciplina intitulada “Relações de Gênero e Poder, no Curso de Ciências Sociais da UFGD, que esteve sob a coordenação da Professora Marisa de Fátima Lomba de Farias, a qual representou um importante momento para nossa inserção nos estudos de gênero.

Numa estrutura de domínio do patriarcado, há um forte poder dos pais sobre os/as filhos/as, nas decisões do que devem fazer. Vislumbramos no encaminhamento dos/as filhos/as para a educação da EFA, um projeto que é antes dos pais, mas que se projeta também sobre os/as filhos/as, configurado no desejo de seguridade futura, muitas vezes organizada em torno da terra. Por isso a procura por uma educação voltada aos princípios de um conhecimento relacionado com a terra, o que pode ser a solução para que a família tenha uma vida melhor na terra, que para eles têm um sentido de luta e ao mesmo tempo de reconstrução de uma nova vida. Observamos que o dilema de ficar e sair da terra, o é também de pais e mães, especialmente daquelas famílias que não encontraram na terra, nos lotes conquistados, às condições para efetivarem o projeto familiar. Por isso, hoje incentivam filhos/as a buscarem espaços outros, para além dos lotes, mas que, por vezes, seguem o projeto inicial, ou seja, incentivando filhos/as a irem para a EFA acreditam que estão a assegurar-lhes outras possibilidades de trabalho aos filhos/as, mas que ao mesmo tempo, inconscientemente, são possibilidades embutidas na lógica de seus projetos, uma vez que estão relacionados à terra.

Como os lotes que os/as jovens ocupam com suas famílias são pequenos, numa média de 16 ha em cada um deles, associada a descapitalização das famílias, os/as jovens nem sempre conseguem aplicar o aprendizado apreendido na EFA. Aliado a isso, como dissemos, vigora, em muitas pequenas propriedades, o poder decisório do pai, fator de impedimento de inovações produtivas aplicadas a partir dos novos saberes da juventude. Assim, ao se formarem na EFA, os/as jovens vivem a indecisão sobre o que fazer de sua vida, momento em que o dilema entre ficar e sair se torna mais evidente. Neste sentido cito a entrevista que fizemos com o jovem D. B. A., de 18 anos, filho de assentados do Assentamento Santa Rosa de Itaquiraí-MS. Conversando com o jovem em seu lote foi possível observar que a família tem grande importância em sua vida, sendo sua mãe agente de saúde na comunidade do Assentamento e seu pai quem cuida dos afazeres do lote.

Quando indagamos o jovem acima mencionado sobre seus planos futuros, ele nos disse que pretende cursar a Faculdade de Medicina Veterinária, mas por acreditar que esse desejo será difícil de concretizar, fará, então Faculdade de Letras na cidade vizinha de Naviraí. E quando perguntamos sobre se a família interfere em suas decisões ele disse que não, mas conversando um pouco mais, e ouvindo também a mãe do jovem, foi possível observar que sim:

(...) A mãe me incentivou a fazer a faculdade de letras, pois ela disse que vou estar preparado para fazer a redação do vestibular para Medicina Veterinária. Meu irmão queria cursar Direito, mas a mãe falou para ele fazer também Letras, iria dar um

suporte para ele passar no vestibular de Direito, e ele passou depois no vestibular. Penso em ficar aqui sim eu gosto, mas o pai me falou estes dias para eu arrumar um serviço na cidade e ajuntar o dinheiro para comprar uma ordenha e ele tirar leite, estou pensando, acho que é melhor, o pai falou. (Diário de Campo, D. B. A., 18/02/2010)

Observamos assim que o poder que existe nas relações entre os/as jovens e suas famílias é forte, mas é um poder que nem sempre é percebido pelos/as jovens. Sentimos que o jovem acima citado, sente vontade de dizer o que pensa, expondo anseios e desejos para com sua vida futura, mas tem receio de dizê-los ao pai, mesmo porque o pai parece depositar, nos/as filhos/as esperanças em poder contar com a inserção deles em trabalhos fora do lote, e, com os ganhos advindos, adquirir instrumentos que melhorarão a realização das tarefas no lote, como no caso da ordenha elétrica. Por isso o jovem nos coloca seus projetos, mas que no momento não serão efetivados, preferindo hoje permanecer no lote, realizando trabalhos diversos, dentre eles a lida com o gado, ordenando as vacas e aplicando os saberes técnicos aprendidos na Escola. Relatou ainda, o desejo de fazer uma horta orgânica, e um projeto com bovinos. Assim, está construindo relações entre os seus projetos e aqueles que a família dele espera. Nessa lógica é inegável o poder decisório do pai e da mãe, um poder que segundo Tedeschi (2009),

O poder só existe quando colocado em ação e seus efeitos definem a ação do outro. O exercício do poder não é, em si mesmo, violência ou consentimento; pode ser sedutor, facilitador, indutor, de modo a guiar a possibilidade de conduta. (TEDESCHI, 2009, pg. 146)

Conforme o autor cita acima o poder não é em si violência, mas ele pode ser sedutor, induzindo a atitude do indivíduo, como nos foi possível compreender esta relação ao entrevistarmos o jovem. Durante a entrevista com o jovem, esteve presente o pai e a mãe e o pai ficou a todo o momento quieto, e quando indagamos o jovem sobre sua relação com seu pai, ele nos disse que sempre foi tranqüila:

(...) o pai não interfere em nada, mas quando ele fala tá falado. Na época da Escola, quando tinha alguma tarefa para fazer, aplicar um projeto pequeno na terra, ele deixava, se fosse tudo bem não falava nada, mas se algo acontecesse errado, meu pai saía de baixo”(Diário de Campo, D. B. A.,18/02/2010)

Conforme a fala do jovem, percebemos toda a sua preocupação em relação à autoridade do pai, que parece acontecer mesmo quando o pai não se manifesta, mas o fator de “sair de baixo”, quando uma experiência não resultava em sucesso, demonstra desaprovação do pai, o que enfatiza a ineficiência do aprendizado do jovem, e fortalece a certeza da

sabedoria do pai. Mesmo assim, segundo o jovem, a relação com seu pai, e conseqüentemente com sua família, sempre foi harmônica, todos/as participando das tarefas e afazeres domésticos, conversando sobre os mais variados temas que envolvem suas vidas, incluindo assuntos íntimos do jovem, visto que sua mãe é agente de saúde no Assentamento. Ele relatou ter facilidade nas conversas sobre assuntos íntimos com ela, mas logo depois ressaltou que se sentia mais aberto a conversas com seu irmão mais velho. Assim, observamos que apesar do jovem ter concluído o curso técnico na EFA, sente dificuldades em aplicar o que aprendeu diante da severidade do pai, que aparentemente calado exerce autoridade.

Neste sentido também citamos a entrevista com a jovem J. L. de 17 anos, do Assentamento Lua Branca. Ela relata que está na EFA por uma decisão que foi tomada pelo padrasto:

No começo eu não queria vir para a EFA, mas com o passar do tempo fui me acostumando, na verdade o que aprendi aqui é conviver com as pessoas, isto aqui não vai me servir para nada, quero cursar a faculdade de medicina, vim por vontade da família, do meu padrasto, da mãe não. (Diário de Campo, J. L., 25/03/2010)

Observamos assim que a jovem relata que não desejava ir para a EFA, mas visto que a família representa para ela tudo e que estuda na Escola pela família, irá terminar o curso e seguir o objetivo de cursar a faculdade de Medicina. Constata-se assim que o poder que é exercido no âmbito privado é norteador, conduz a ação de quem é dominado/a, e para estes/estas é algo natural.

Os/as jovens que estão sob o poder patriarcal, notamos, por vezes, que também exercem poderes. Quanto a decisão de ir para a EFA, D. B. A. nos relata que partiu dele, foi juntamente com outro colega conhecer e informou a família que desejava estudar na Escola Família Agrícola. Esta situação nos remete aos estudos de Foucault (1979) quando diz que a denomina é um poder relacional, no sentido de que aquele que é dominado também exerce poder. Neste caso não apenas D. B. A., mas a jovem J. G. de 18 anos do Assentamento Lua Branca, nos relatou que deseja formar a sua família e sair da casa da família: “assim que me formar vou trabalhar como técnica agrícola na cidade”. Outro jovem ao qual conversamos H. d. P. A., de 21 anos, do Assentamento Lua Branca, nos relatou que ir para a EFA, a iniciativa foi dele, mas quando o indagamos sobre seus planos futuros ele diz:

(...) Assim que me formar quero fazer Medicina Veterinária, é o sonho do meu pai, quer dizer é meu também. (Diário de campo, H. d. P. A., 25/03/2010)

Observamos que quando o jovem projeta seus planos futuros, estes ganham uma dimensão familiar, são primeiro de seu pai, para depois serem tornados seus. É conforme Foucault diz:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1979, p.8)

Quando falamos sobre a possibilidade de aplicar seus saberes técnicos no lote, a opinião dos/as jovens é que “ambos, pai e filho/a são ignorantes, e é preciso que um escute o outro”. Essa é uma fala da jovem R. P. G., de 20 anos, do Assentamento Lua Branca, que vivencia relações conflituosas nos encaminhamentos com as experiências de novos processos produtivos e especialmente aqueles inovadores. Pelo pai não confiar em sua capacidade, motivo este pelo que nos foi possível observar, o fato de ser jovem e mulher, carregando pouca confiabilidade na hierarquia das relações familiares, para conduzir inovações, resolveram, ela e o pai, cultivar roças em separado, tendo ela a sua roça separada da sua família. Ela relata que pouco conversa com o pai, não participa das decisões que são tomadas no lote e por vezes é necessário conversar com colegas/os sobre seus planos presentes e futuros. Esse distanciamento nos leva as afirmativas de Novaes quando diz que é preciso:

(...) reconhecer a diferença e valorizar distintas experiências geracionais. Conflitos em torno de idéias e práticas de produção (tradicional, ecológicas, uso de agrotóxicos), tensões entre sair e ficar no roçado e na casa paterna existem no mundo rural e poderiam ser mais bem encaminhadas através do diálogo intergeracional. No que diz respeito à política, o diálogo intergeracional permite que os jovens reconheçam a experiência histórica e as conquistas das gerações anteriores, mas também que os adultos ouçam os jovens sobre novas formas de participação. Afinal, toda a experiência geracional é inédita, ninguém sabe o que é ser jovem hoje, a não ser quem é jovem hoje. Adultos e jovens são reeducados nesse processo. A escuta deve ser mútua. (NOVAES, 2007, pg.104)

É neste sentido que citamos serem urgentes os diálogos entre as famílias, que construam novas relações com seus filhos/as, mesmo sabendo que este não é um processo fácil, mas que se torna essencial para que os/as jovens digam através de diálogos, músicas e outros meios, seus anseios, desejos e aspirações para uma vida presente e futura, e desta forma os/as jovens do campo e da cidade poderão fazer suas escolhas.

3. Possibilidades de novas relações entre pais/mães e filhos/as

Observamos que os dilemas vivenciados pelos/as jovens entre ficar e sair dos lotes de assentamentos de reforma agrária no município de Itaquiraí, e também de outros

assentamentos do Brasil, tem sido uma preocupação não apenas das famílias e da comunidade dos assentamentos, mas dos Movimentos Sociais do Campo, os quais, nos últimos tempos, tem promovido constantes debates sobre o assunto, propondo meios para que os/as jovens, juntamente com as suas famílias, encontrem caminhos para continuarem no campo.

Neste sentido citamos a experiência enriquecedora que tivemos ao participar durante uma semana, das reflexões acerca da juventude do campo e da cidade, que aconteceu em agosto de 2008, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói-RJ. Durante aquele período, de uma semana, conversamos com jovens de vários estados do Brasil, participamos de oficinas sobre os mais variados temas que englobam a vida do/a jovem do campo e da cidade, ouvindo suas problemáticas quanto a produzirem e comercializarem, bem como a preocupação dos Movimentos Sociais de todos os estados no que diz respeito à saída dos/as jovens do campo.

A preocupação que vimos no congresso em Niterói também a temos encontrado nos movimentos sociais de Mato Grosso do Sul. Sendo assim, conforme apresentamos ao longo do texto, a respeito das relações de gênero e poder com a juventude da EFA, é urgente a criação de novas relações familiares, em que a troca seja mútua, que ambos, tanto pais/mães e filhos/filhas escutem anseios e assim construam relações das quais todos/as possam participar. É o que nos disse a jovem do Assentamento Santo Antonio Itaquiraí, I. M., de 18 anos, quando lamentou pela família não aceitar sua opinião:

Quando decide fazer algo se a família não aceita, não aprova é como um balde de água fria, pois a opinião deles pesa muito nas decisões que são tomadas por nós jovens. É preciso que aceitem nossas opiniões. (Diário de Campo, I. M., 18/02/2010)

É preciso assim que os/as jovens digam o que pensam e levam também em consideração a experiência que a família acumulou, referente aos saberes apreendidos há muito tempo, associando-os as novas técnicas aprendidas pelos/as jovens, propiciando contentamentos porque serão efetivadas relações de pertencimentos, além das possibilidades de melhorias produtivas e comerciais. Assim, a Reforma Agrária estará pouco a pouco sendo concretizada, pois o objetivo que as famílias nos mostraram, não está assentado apenas na terra, com conquistada da mesma, mas se estende a subsídios para se manterem nos lotes, recursos para melhorarem suas casas, cercas, pastagens, adquirirem gado a fim de gerarem renda com a produção de leite. Enfim, é necessário valorizar os saberes técnicos/as dos/as jovens, reconhecendo seus novos saberes, efetivando projetos coletivos, assegurando estratégias de pertencimentos.

Quanto a juventude da EFA, muitos/as já concluíram seus estudos na Escola e outros estão prestes a se formar, sendo necessário que a comunidade enxergue este/a novo/a técnico/a jovem como um sujeito em transformação. Com os saberes aprendidos na Escola e o entrelaçar de saberes agrícolas que a família possui será possível que todos/as paulatinamente tenham opções para viver no campo, planejar projetos que os/as jovens que entrevistamos nos apontaram, relacionados a horta orgânica, melhoria das pastagens, jardinagem, adubação verde, apenas alguns exemplos que nos foram citados pelos próprios/as jovens que entrevistamos, e para isso, como já ressaltamos, e como os/as jovens relatam, é preciso que a escuta seja mútua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a categoria juventude rural tem sido para nós, desde o ano de 2008, um desafio e uma recompensa, pelo fato de nos enxergarmos e de podermos dar voz aos/as jovens para que digam o que pensam sobre seus planos presentes e futuros, vendo seu posicionamento nos Assentamentos. Esse nosso diálogo nos levou a concluir que temos um/a novo/a jovem, que luta por seus direitos e de toda uma comunidade, que acredita confiantemente que ele/a é sim o/a transformador/a de sua realidade e de sua comunidade.

Assim, acreditamos que atingimos nosso objetivo maior com a presente reflexão acerca da categoria juventude rural, que é a de ampliar o debate a respeito de problemáticas existentes no campo no que tange a juventude, especialmente porque vemos que as pesquisas quanto a esta categoria nas universidades, vêm, com o passar do tempo, paulatinamente sendo ampliadas.

Estudar alunos/as da EFA nos mostrou a importância daquela escola na vida de jovens assentados/as. O que destacamos dos/as jovens para que permaneçam nos assentamentos são incentivos: das famílias, do Governo, propiciando diálogos e acompanhamentos técnicos.

A priori quando compreendemos a saída dos/as jovens dos Assentamentos, a primeira hipótese que nos vinha à mente era a questão financeira, mas a pesquisa de campo que fizemos nos propiciou compreender que são questões que necessitam ser analisadas em seu contexto e em seu âmbito. As relações de gênero e poder são fortes nas relações dos alunos/as no espaço privado, ou seja, o espaço da família. Torna-se urgente que haja um acompanhamento com estas famílias e que estes possam paulatinamente construir novas relações, nas quais possam propiciar a eles/as uma melhoria para as suas vidas.

Nessas novas relações, os/as jovens precisam ser ouvidos/as, especialmente naquelas famílias que possuem filhos/as na EFA, para que estes/as, ao retornarem as suas casas, completando os estudos agrícolas, possam colocá-los em prática nas propriedades. Assim, é necessário que o pai e a mãe partilhem poderes e não exerça um poder patriarcal sobre filhos e filhas. Os dados que obtivemos na pesquisa mostra que os/as filhos/as reclamam da maneira como o pai encaminha o cultivar da terra, que é uma maneira apreendida com avós, e que hoje, mesmo que tentem mudar a forma produtiva, não conseguem, porque nem sempre acreditam nos/as filhos/as, e no aprendizado que estes obtiveram junto a EFA.

É urgente que as pesquisas no que tange a juventude se estendam nos ramos da Ciência que procura a compreensão dos fenômenos existentes na sociedade, como a Antropologia e a Sociologia. Que o conhecimento obtido através da compreensão de pesquisadores/as possam, paulatinamente, contribuir para a melhoria de vida dos sujeitos do campo e que este conhecimento seja sistematizado entre os movimentos sociais do campo e da cidade, Universidades e Órgãos Governamentais, pois o objetivo principal é que os indivíduos possam fazer as suas próprias escolhas, mas para isto é preciso que eles/as tenham opções, ao contrário, a dominação e subordinação será a mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Miriam. O gênero na construção da subjetividade: entendendo a “diferença” em tempos pós- modernos... Coletânea gênero plural. In: ADELMAN, Miriam e SILVESTRIN, Celsi Bronstrup (Orgs.)- Curitiba: Ed. UFPR, 2002. Pg. 49-61
- BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Pg. 35-51.
- CASTRO, Elisa Guaraná. *O paradoxo “ficar” e “sair”: caminhos para o debate sobre juventude rural*. 2006.
- FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. *Assentamento Sul Bonito: as incertezas da travessia na luta pela terra*. Araraquara, Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2002.Pg.295.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Pg. 08.
- JONAS, Eline (Coord.) *Violências Esculpidas: Notas para reflexão, ação e políticas de gênero*. Goiânia: UCG, 2007.
- MENEGAT, Alzira Salete. *No coração do Pantanal: Assentadas na lama e na areia*. Araraquara, tese (Doutorado em sociologias), Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2009.
- MENEGAT, Alzira Salete. *Mulheres assentadas e suas lutas*. In: Almeida, Rosimeire Aparecida (Org.). *A questão Agrária em Mato Grosso do Sul: Uma visão multidisciplinar*. Campo Grande: UFGD, 2008. p.227 – 257.
- REGINA, Novaes. *Políticas públicas, direitos e participação*. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Pg. 81-120.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004(Coleção Brasil Urgente).
- STROPASOLAS, Valmir Luiz. *Um marco reflexivo para a inserção social da juventude rural*. . In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Pg. 279-293.
- STROPASOLAS, Valmir Luiz. *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006

SPOSITO, Marília. Balanço e perspectivas. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Pg. 123-128

TEDESCHI, Antônio Losandro. O uso da categoria gênero na história das mulheres camponesas: uma ferramenta necessária. In: MENEGAT, Alzira Salete. FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de e TEDESCHI, Antônio Losandro. (Orgs.) *EDUCAÇÃO, RELAÇÕES DE GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO*. - Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009. Pg. 141-172.

YAMIN, Giana Amaral. Crianças e Jovens em um espaço de luta pela terra. In: ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de (Org.). *A questão agrária em Mato Grosso do Sul: uma visão multidisciplinar*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. Pg. 205-225.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. . In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. Pg. 21-33.